

## **Avaliando a Motivação no Esporte**

Maicon Rodrigues Albuquerque  
Faixa Preta 1º Dan  
Graduado em Ed. Física  
Mestrando em Ciências do Esporte UFMG

e-mail: [maiconbhz@yahoo.com.br](mailto:maiconbhz@yahoo.com.br)

### **RESUMO**

Este texto propõe-se a discutir os aspectos relacionados à avaliação da motivação no ambiente esportivo (competitivo ou não). Pode-se destacar a motivação como uma das principais linhas de pesquisa no campo da Psicologia do Esporte nos últimos anos, sendo de fundamental importância para a iniciação, orientação, manutenção e abandono da atividade e/ou modalidade esportiva. Nesta perspectiva é importante avaliar os fatores primários da motivação no que diz respeito aos fatores intrínsecos, extrínsecos e a desmotivação bem como identificar os motivos de envolvimento e abandono da atividade e/ou modalidade esportiva. São apresentadas algumas teorias e, principalmente, instrumentos utilizados pela literatura (Nacional e Internacional) para avaliar a motivação. Por fim, pode-se concluir que alguns aspectos são de extrema importância na avaliação da motivação sendo eles a adequação da faixa etária e o tipo de modalidade (ex: competitiva ou lazer) a ser avaliada.

Palavras-chave: Motivação, Avaliação e Ambiente Esportivo

## 1. Introdução

A Psicologia do Esporte é um campo de investigação com mais de cem anos de tradição (VIDAL et al., 2001), sendo que os primeiros laboratórios surgiram no ano 1920 (SAMULSKI, 2002). Neste sentido, a Psicologia do Esporte no cenário mundial, pode ser considerada um campo de estudo consolidado no cenário internacional, devido ao grande volume de trabalhos em periódicos científicos de boa reputação como: *International Journal of Sport Psychology*; *Perceptual and Motor Skills*; *The Sport Psychologist*; *Journal of Sport Psychology*; *Journal of Sport and Exercise Psychology* ; *Medicine and Science in Sports and Exercise*.

Dentre as linhas de pesquisa na área de Psicologia do Esporte, a motivação é uma das mais estudadas (VIDAL et al., 2001). Isso pode ser explicado pelo fato de explicar alguns aspectos como: motivos de iniciação, orientação, manutenção e abandono (DOSIL, 2004).

Alguns autores acreditam que, no contexto esportivo, a motivação é vista através de um modelo multidimensional que consiste da motivação intrínseca, extrínseca e da falta de motivação (CHANTAL et al., 1996; PELLETIER et al. 1995; RYAN & DECI, 2000).

Nesta perspectiva é importante avaliar os fatores primários da motivação no que diz respeito aos fatores intrínsecos, extrínsecos e a desmotivação, como o objetivo de identificar os motivos de envolvimento e abandono da atividade e/ou modalidade esportiva (MURCIA et al., 2005; PEDERSEN, 2002).

Por último, existe uma série de instrumentos que buscam avaliar os aspectos relacionados à motivação, em diferentes faixas etárias, em diferentes ambientes (competitivo e não-competitivo) e em diferentes momentos.

## 2. Motivação

O termo motivação vem da palavra em Latim “*movere*” que significa mover, ou seja, a motivação refere-se à direção e persistência de se realizar determinada ação, sendo que a direção inicia um comportamento de se realizar determinada ação e a persistência mantém esse comportamento (DOSIL, 2004; MINICUCCI, 1995).

Neste sentido, a motivação pode ser caracterizada como a força impulsionadora do indivíduo para um determinado objetivo. Dentre estas forças, pode-se destacar as forças positivas e negativas. Sendo que as forças positivas são aquelas que levam o indivíduo a aproximar-se do estímulo e as negativas são aquelas que o levam a afastar-se dele (MINICUCCI, 1995).

Uma das características fundamentais para o entendimento da motivação é o seu caráter individual, ou seja, a motivação de determinado indivíduo modifica-se constantemente, sendo necessário conhecer os diferentes tipos, para poder usar as estratégias adequadas (DOSIL, 2004; FIORELLI, 2004; WAGNER III & HOLLENBECK, 1999).

Robbins (2002) conceitua motivação como sendo a disposição de exercer um nível elevado e permanente de esforço em favor de determinada meta, sendo que este esforço deve ser capaz de satisfazer algumas necessidades individuais.

Samulski (2002) conceitua motivação como processo ativo, intencional e dirigido a uma meta, na qual depende da interação de fatores pessoais (intrínsecos) e ambientais (extrínsecos).

Segundo Knijnik et al. (2001), os seres humanos agem em função das suas necessidades (motivação), sejam estas intrínsecas ou extrínsecas. Neste sentido a motivação aparece como resultado de uma necessidade psicológica direcionada a um objetivo específico.

### 3. Teorias de Motivação

Muitas são as teorias que tentam explicar a motivação, sendo que nesta revisão serão abordados, apenas, alguns modelos teóricos, que consideramos importantes para o entendimento da temática.

#### 3.1 TEORIA DA HIERARQUIA DE NECESSIDADES DE MASLOW

Elaborada por Maslow (1954), este é um dos modelos mais conhecidos de motivação (ROBBINS, 2002). Este modelo (FIGURA 01) defende que as necessidades subjacentes da motivação humana poderiam se organizar numa hierarquia de cinco níveis básicos (BOWDITCH, 1992; TADIN et al., 2005).

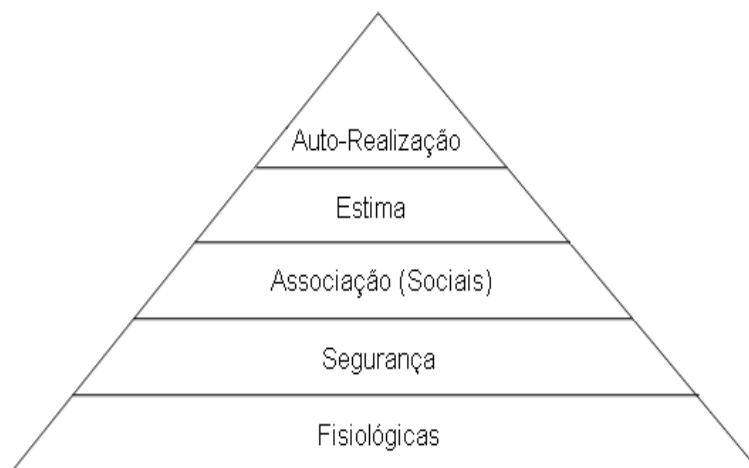


FIGURA 01: Hierarquia das necessidades de Maslow  
Fonte: ROBBINS (2002: 344)

Dentro dos cinco conjuntos de necessidades, as fisiológicas incluem, basicamente, as necessidades básicas de sobrevivência (ar para respirar, sede, fome, dentre outros). Já a necessidade de segurança esta ligada à segurança, estabilidade e proteção contra danos físicos e emocionais. A necessidade de associação (social) inclui a necessidade de interação social, afeição, companheirismo e amizade. A necessidade de estima se caracteriza por fatores internos tais como auto-respeito, amor-próprio, autonomia e realização, enquanto que a necessidade de auto-realização esta ligada ao crescimento, auto-satisfação e a realização do potencial pessoal (TADIN et al., 2005; ROBBINS, 2002).

### **3.2 TEORIA DA EXISTÊNCIA, RELACIONAMENTO E CRESCIMENTO (ERC)**

Com o objetivo de modificar a hierarquia de Maslow (1954), a Teoria ERC, reduziu o número de categorias de necessidades com base numa análise das pesquisas existentes (ROBBINS, 2002; BOWDITCH, 1992; SANTOS, 2003). A figura 02 mostra um modelo de comparação entre as duas teorias.

Segundo Robbins (2002), esta teoria encontrou evidências em três níveis de necessidades (existência, relacionamento e crescimento). As necessidades de existência condensam as necessidades fisiológicas e de segurança proposta por Maslow. A necessidade de relacionamento esta ligada às necessidades de associação e os componentes externos da necessidade estima. As necessidades de crescimento estão ligadas às características intrínsecas das necessidades de estima e a auto-realização proposta por Maslow (1954).

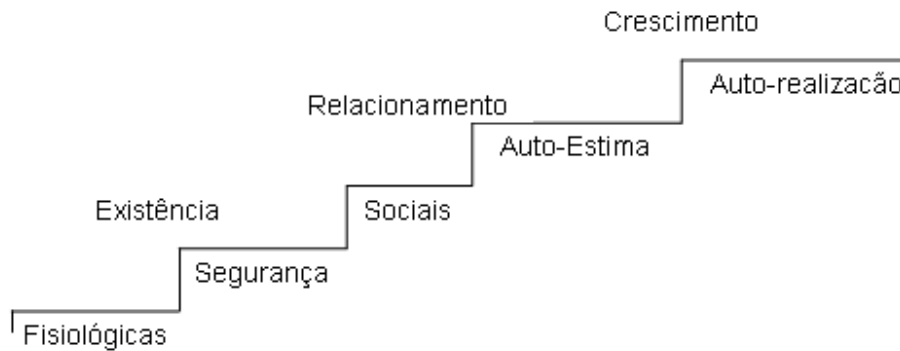


FIGURA 02: Comparação entre a Hierarquia das Necessidades e a Teoria ERC  
 Fonte: BOWDITCH (1992:43).

### 3.3. TEORIA DAS NECESSIDADES SOCIALMENTE ADQUIRIDAS

A teoria elaborada por McClelland (1965) acredita que as necessidades são advindas da cultura e sociedade. Neste sentido ele acreditava que cada indivíduo, em algum momento da vida, seria altamente influenciado por realização, poder ou afiliação (ROBBINS, 2002; BOWDITCH, 1992).

A influencia por realização caracteriza-se pelo desejo de “fazer melhor as coisas”, ou seja, estes indivíduos buscam situações em que possam obter responsabilidade pessoal pela descoberta e soluções para os problemas, retorno rápido, além de se sentirem atraídos por metas moderadamente desafiadoras (ROBBINS, 2002; BOWDITCH, 1992).

Já a necessidade de poder, caracteriza-se pelo desejo de exercer influência a outras pessoas. Estes indivíduos se sentem atraídos por cargos de “poder”, por tarefas competitivas e por “status” social (ROBBINS, 2002; BOWDITCH, 1992).

A terceira necessidade é o desejo de ser aceito pelos outros. Indivíduos de alta necessidade de afiliação esforçam-se por fazer amizades, preferem mais as situações de cooperação às de competição. Estes indivíduos procuram amigos, busca a liderança, age com calor humano e cordialidade para com os companheiros (ROBBINS, 2002; BOWDITCH, 1992).

De acordo com a figura 03 pode-se perceber que indivíduos com grande necessidade de realização preferem situações com responsabilidade pessoal, feedback e um grau moderado de risco, enquanto que indivíduos com necessidades de afiliação e poder, tendem a estarem ligados aos sucessos gerencias, sendo que quanto maior a necessidade de poder, menor a necessidade de afiliação (BOWDITCH, 1992).

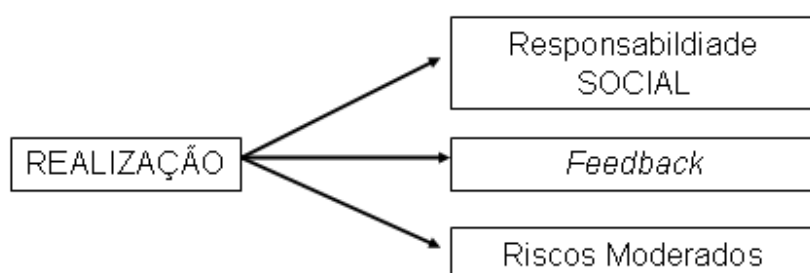


FIGURA 03: Preferência da Necessidade de Realização  
Fonte: Adaptado de ROBBINS (2002: 346).

### **3.4. TEORIA DA AUTO-DETERMINAÇÃO (SELF-DETERMINATION)**

Das diferentes perspectivas de se compreender a motivação no ambiente esportivo, a teoria de autodeterminação do esporte (RYAN & DECI, 2000) é uma das mais investigadas (SHAW et. al., 2005; CHANTAL et al.,1996; BEAUDOIN, 2006; MARTENS & WEBBER, 2002).

Ryan & Deci (2000) enfatizam que atletas, social e profissionalmente competentes, se sentem altamente motivados, mas que aspectos como treinamento excessivo, lesões, pressão de técnicos, parentes e torcedores podem levar a uma perda de motivação (desmotivação).

Nesta perspectiva, a motivação é caracterizada como um modelo multidimensional que pode refletir através de vários aspectos. Neste caso, a conduta do atleta pode ser determinada pela motivação intrínseca, extrínseca e pela desmotivação (RYAN & DECI, 2000).

A motivação intrínseca reflete o nível positivo do potencial da natureza humana (RYAN & DECI, 2000), sendo que é caracterizada pelo prazer e interesse que deriva de sua satisfação sem obter recompensa (ALONSO, 2005; PELLETIER et. al.,1995).

A motivação extrínseca é caracterizada por uma série de condutas e razões inerentes ao indivíduo, ou seja, ligadas a contingentes externos, obtendo algum tipo de recompensa (ALONSO, 2005; PELLETIER et. al.,1995).

O terceiro tipo de motivação que deve ser considerada para entender a conduta humana é a falta de motivação (desmotivação), que implica na ausência de percepção de contingências entre as ações e seus desfechos, ou seja, falta de motivos intrínsecos ou extrínsecos para a prática esportiva (ALONSO, 2005; PELLETIER et. al.,1995).

## 4. Instrumentos de Avaliação da Motivação

Existe uma série de instrumentos que são utilizados para a investigação das variáveis da motivação. A Tabela 1 mostra alguns instrumentos utilizados para avaliar a motivação em diferentes aspectos.

Tabela 1: Instrumentos de Avaliação da Motivação

Instrumento	Autores	Ano
Participation Motivation Questionnaire (PMQ)	GILL et al.	1983
Competitive Orientation Inventory (COI)	VEALEY	1986
Sport Orientation Questionnaire (SOQ)	GILL & DEETER	1988
Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire (TEOSQ)	DUDA et al.	1995
Perception of Success Questionnaire (POSQ)	ROBERTS et al.	1998
Intrinsic Motivation Inventory (IMI)	McAULEY et al.	1989
Perceived Motivational Climate in Sport Questionnaire (SPMQ)	SEIFRIZ et al.	1992
Sport Motivation Scale (SMS)	PELLETIER et al.	1995
Situational Motivation Scale (SIMS)	GUAY et al.	2000
Questionário de Perfil Motivacional	SAMULSKI & NOCE	2000
Free Time Motivation Scale for Adolescents (FTMS-A)	BALDWIN & CALDWEEL	2003

### 4.1. PARTICIPATION MOTIVATION QUESTIONNAIRE (PMQ)

Elaborado por Gill et al. (1983), este instrumento procura avaliar a motivação em crianças, sendo que este concentra-se na participação da criança no ambiente esportivo de forma geral, ou seja, competitivo ou não competitivo, buscando entender os prováveis motivos de permanência e abandono do esporte.

O instrumento possui 30 itens com as possibilidades de reações das crianças, além de um escala em likert de cinco pontos sendo 1 “nada importante” e 5 “extremamente importante” (GILL et al., 1983).

Este instrumento possui oito dimensões sendo elas: status de rendimento, orientação da equipe, orientação física, liberação de energia, fatores situacionais, desenvolvimentos de habilidades, orientação à afiliação e por último a de divertimento (GILL et al., 1983).

#### **4.2. COMPETITIVE ORIENTATION INVENTORY (COI)**

Elaborado por Vealey (1986), este instrumento tem como objetivo avaliar as diferenças individuais na tendência de se esforçar na realização de objetivos relacionados ao esporte.

O instrumento possui uma matriz de 16 células, sendo que uma das dimensões da matriz (linhas) representa os diferentes níveis do desempenho esportivo (bons, muito bons, abaixo da média) e a segunda dimensão (coluna) estabelece o resultado do desempenho (vitória fácil, possibilidade de derrota). Ao final o voluntário classifica a cada célula da matriz em uma escala de 0-10 pontos, sendo 0 “insatisfação” e 10 “altamente satisfeito” (VEALEY, 1986).

#### **4.3. SPORT ORIENTATION QUESTIONNAIRE (SOQ)**

Elaborado por Gill & Deeter (1988), este instrumento foi criado com a finalidade de resolver um dos problemas encontrados nos instrumentos anteriores. Os autores acreditam que o instrumento avalia o esporte de forma multidimensional relacionado às orientações esportivas e a especificidade do esporte.

O SOQ consiste de três dimensões, sendo elas competitiva, orientada a vitória e orientada as metas. O instrumento é composto por vinte e cinco questões sendo treze relacionadas à competição, seis relacionada à vitória e seis relacionadas às metas. O SOQ, também, possui um escala em likert de cinco pontos variando de “concordo plenamente” e “discordo plenamente” (GILL & DEETER, 1988).

Contudo, é importante ressaltar que este instrumento foi projetado para avaliar todos os indivíduos que praticam esportes, sem nenhuma restrição.

#### **4.4. TASK AND EGO ORIENTATION IN SPORT QUESTIONNAIRE (TEOSQ)**

Elaborado por Duda et al. (1995), este instrumento tem como objetivo avaliar as perspectivas de ajustes do esporte, avaliando se o indivíduo é propenso a ser orientado pela tarefa ou pelo “ego” em determinados contextos.

O TEOSQ possui 13 itens, divididos em 2 sub-escalas, sendo sete itens relacionados a sub-escala tarefa e seis itens relacionados a sub-escala “ego”. O instrumento possui uma escala em likert de cinco pontos que varia de 1 “ Discordo completamente” a 5 “concordo completamente” sendo que este instrumento pode ser utilizado para avaliar diversos tipos de amostras (DUDA et al., 1995).

Uma das instruções para o preenchimento do questionário esta relacionada à época em que os indivíduos se sentiam mais bem sucedidos em seu esporte e responder todo o questionário baseado neste período (DUDA et al., 1995).

#### **4.5. PERCEPTION OF SUCCESS QUESTIONNAIRE (POSQ)**

O POSQ possui duas versões, sendo a primeira elaborada por Treasuer & Roberts (1994), voltada para a população de adolescentes e a segunda elaborada por Roberts et al. (1998), para a população adulta. Em ambas as versões o instrumento tem como finalidade a percepção do sucesso relacionado à tarefa e ao ego no esporte, sendo que as perguntas estão relacionadas aos sucessos alcançados na prática esportiva.

O instrumento possui 12 questões, em que as respostas estão em uma escala em likert de 5 pontos que varia de 1 “concordo completamente” e 5 “discordo completamente” (ROBERTS et al., 1998).

#### **4.6. INTRINSIC MOTIVATION INVENTORY (IMI)**

O instrumento foi elaborado por McAuley et al. (1989), tem como objetivo avaliar experiências subjetivas dos participantes, relacionados a atividade alvo, procurando avaliar a motivação intrínseca e a auto-regulação do indivíduo.

O instrumento possui 45 itens e uma escala em likert de que varia de 1 “concordo plenamente” a 7 “discordo completamente”. As dimensões do instrumento são: interesses/apreciação; esforço/importância; pressão/tensão; percepção da escolha; relacionamento (MCAULEY et al., 1989).

#### **4.7. PERCEIVED MOTIVATIONAL CLIMATE IN SPORT QUESTIONNAIRE (PMCSQ)**

Elaborado por Seifriz et al. (1992), este instrumento tem como finalidade medir o clima motivacional específico do esporte. Uma das vantagens deste instrumento está relacionada às possíveis causas do sucesso. As perguntas foram projetadas para avaliar o grau de percepção da motivação intrínseca das equipes dando ênfase ao envolvimento na tarefa e no rendimento das metas.

O PMCSQ possui duas sub-escalas sendo a primeira relacionada ao envolvimento da tarefa e a segunda relacionada a performance das metas. O instrumento possui 40 itens (20 relacionados a tarefa e 20 relacionados a performance) e uma escala em likert que varia de 1 "discordo completamente" a 5 "concordo completamente" (SEIFRIZ et al., 1992).

#### **4.8. SPORT MOTIVATION SCALE (SMS)**

Elaborado por Pelletier et al. (1995), este instrumento pode ser aplicado em diferentes modalidades e é um dos principais instrumentos de investigação da motivação nos últimos anos (SHAW et al., 2005; CHANTAL et al., 1996; BEAUDOIN, 2006; MARTENS & WEBBER, 2002).

O instrumento possui 28 itens, dividido em 7 dimensões e uma escala likert que varia de 1 "não corresponde nada" a 7 "Corresponde exatamente". Sendo que a primeira dimensão é denominada "motivação intrínseca para conhecer" e esta dimensão diz respeito à curiosidade e a vontade de saber e entender do atleta. Esses atletas participam do esporte de sua escolha, devido ao prazer que o saber o desenvolvimento trazem a eles (PELLETIER et al., 1995).

A segunda dimensão esta relacionada como o atleta que possui prazer em aprender novas habilidades no esporte escolhido e é denominada “motivação intrínseca para atingirem objetivos” (PELLETIER et al., 1995).

A terceira dimensão é classificada como “motivação intrínseca para experiências estimulantes” e esta associada com uma propensão individual de procurar atividade que alcançaram um nível de estímulo desejado. Isto pode incluir sensações como: divertimento, excitação e prazer sensorial (PELLETIER et al., 1995).

Já a quarta dimensão esta relacionada ao comportamento atlético que é governado pelas recompensas das percepções individuais que serão resultado de um bom desempenho. Essas recompensas tanto podem ser materiais como dinheiro e troféus ou formas do orgulho que virá do treinador ou companheiros de equipe é denominada “motivação extrínseca de regulação externa” (PELLETIER et al., 1995).

A quinta dimensão é denominada “motivação extrínseca de introjeção” e esta relacionada às pressões internas que o atleta pode colocar em sim mesmo, a culpa sentida quando eles falham em completar uma tarefa ou quando eles perdem uma sessão de treino, serão motivações suficientes para que tentem compensar. Constrangimento ou vergonha pode estar envolvido quando esses atletas falham em desempenhar o seu melhor (PELLETIER et al., 1995).

A sexta dimensão está associada aos atletas que participam ativamente de esportes porque sentem que isto os ajuda a crescer pessoalmente, consideram o esporte e a vida em geral. Esta forma de motivação embora seja extrínseca é regulada internamente e é denominada “motivação extrínseca de identificação” (PELLETIER et al., 1995).

A última dimensão é denominada de “desmotivação” e esta relacionada ao sentimento de desesperança que um atleta pode viver ocasionalmente, motivação extrínseca ou intrínseca não afetam estes atletas e eles sempre sentem como se não houvesse boas razões para continuarem praticando o esporte (PELLETIER et al., 1995).

#### **4.9. SITUATIONAL MOTIVATION SCALE (SIMS)**

A escala de motivação situacional foi elaborada por Guay et al. (2000) tem como objetivo avaliar a motivação intrínseca e a desmotivação. Segundo Standage et al. (2003) o instrumento é curto e versátil, possibilitando a sua aplicação tanto no laboratório (Pesquisa) como em ambientes externos (prática).

O instrumento consta de 16 itens com 4 dimensões, sendo as dimensões: motivação intrínseca, identificação da regulação, regulação externa e a desmotivação. Os indivíduos respondem a pergunta “Porque você atualmente esta engajado nesta atividade?”, sendo que as respostas encontram-se em uma escala me likert de 7 pontos sendo 1 “não corresponde nada” a 7 “corresponde exatamente (GUAY et al., 2000; STANDAGE et al., 2003).

#### **4.10. QUESTIONÁRIO DE PERFIL MOTIVACIONAL**

Elaborado por Samulski & Noce (2000), este instrumento tem como objetivo traçar o perfil motivacional de atletas de diferentes modalidades. Este instrumento é composto por três partes.

A primeira parte do instrumento identifica o perfil da amostra com perguntas sobre os principais motivadores da prática, sobre a iniciação esportiva, volume de treinamento, objetivos e metas, além de perguntas relacionadas aos os fatores que facilitam (14 itens) e dificultam a carreira esportiva do atleta (15 itens), o apoio familiar recebido (11 itens) e as atividades fora do ambiente de treinamento (13 itens), todos avaliados numa escala em likert de 4 pontos (SAMULSKI & NOCE, 2000).

A segunda parte é o Teste de Auto-Percepção no Esporte Competitivo (T-APEC) composto por 18 itens avaliados numa escala likert de 10 pontos, em que os atletas são questionados sobre a sua percepção em relação ao rendimento (SAMULSKI & NOCE, 2000).

A terceira parte do instrumento avalia a motivação dos atletas para a prática esportiva, sendo 15 itens relacionados aos motivos de permanência no esporte e 10 itens relacionados aos motivos de abandono do esporte (SAMULSKI & NOCE, 2000).

#### **4.11. FREE TIME MOTIVATION SCALE FOR ADOLESCENTS (FTMS-A)**

Elaborado por Baldwin & Caldweel (2003), este instrumento foi elaborado a partir da teoria de autodeterminação de Ryan & Deci (2000), que e tem como objetivo mensurar a motivação dos adolescentes com faixas etárias entre 12-16 anos nos momentos de lazer (tempo livre).

O instrumento possui 23 questões e possui as mesmas dimensões do Sport Motivation Scale (SMS), em que as respostas estão em uma escala likert de 5 pontos que varia de 1 “concordo completamente” a 5 “discordo completamente” (BALDWIN & CALDWELL, 2003).

## **5. Considerações Finais**

A Motivação por refletir diretamente na escolha da atividade, aprendizagem, persistência e rendimento (Alonso et al., 2005; Weinberg & Gould 2001), por isso pode ser considerada como uma variável importante a ser avaliada, não só em ambiente competitivo, mas, também, em ambiente não-competitivo.

Muitos são os instrumentos que buscam avaliar a motivação em diferentes aspectos, sendo importante na escolha do instrumento à adequação da faixa etária e o tipo de modalidade (ex: competitiva ou lazer).

Contudo, principalmente em atletas de alto rendimento, é importante uma avaliação constante como o objetivo de perceber se os mesmos são dependentes da sua própria vontade e determinação (intrínsecos) para se manterem no esporte, ou se recompensas financeiras (Extrínsecos) podem compensar o desgaste e as cobranças impostas pelo nível a que estão inseridos.

## Referências

ALONSO, J. Procesos básicos implicados en la conducta deportiva. In: X Congreso Nacional y Andaluz de Psicología de la Actividad Física y del Deporte, Malaga, 2005.

BALDWIN, C.K & CALDWELL, L. L. Development of the free time motivation scale for adolescents. *Journal of Leisure Research*, n.35, v.2, p.129-151, 2003.

BEAUDOIN, C.M. Competitive Orientations and Sport Motivation of Professional Women Football Players: An Internet Survey. *Journal of Sport Behavior*, n.29 v.3, p. 201-212, 2006.

BOWDITCH, J, L. Motivação. In: BOWDITCH, J, L. Elementos do comportamento organizacional. São Paulo. Pioneira, 1992.

CHANTAL, Y.; GUAY, F.; DOBREVA-MARTINOVA, T. & VALLERAND, R.J. Motivation and elite performance: An exploratory investigation with Bulgarian athletes. *International Journal of Sport Psychology*, n. 27, v.2, p.173-182, 1996.

DOSIL, J. Motivación: motor del deporte. In: DOSIL, J. Psicología de la actividad física y del deporte. Madrid. Mcgrawhil, 2004.

DUDA, J.L.; CHI, L., NEWTON, M.L., WALLING, M.D. & CATLEY, D. Task and ego orientation and intrinsic motivation in sport. *International Journal of Sport Psychology*, n.26, p.40-63, 1995.

FIORELLI, J, O. Condicionamento ou motivação? Introdução ao estudo do comportamento individual. In: FIORELLI, J, O. Psicología para administradores: integrando teoria e prática. 4º Ed. São Paulo. Atlas, 2004.

GILL, D. L. & DEETER, T. E. Development of the sport orientation questionnaire. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, n.59, v.3, p.191-202, 1988.

GILL, D.L.; GROSS, J.B.,& HUDDLESTON, S. Participation motivation in youth sports. *International Journal of Sport Psychology*, n.14, p.1-14, 1983.

GUAY, R.; VALLERAND, R.J., & BLANCHARD, C. On the assessment of state intrinsic and extrinsic motivation: The situational motivation scale (SIMS). *Motivation and Emotion*, n.24, p.175-213, 2000.

GUAY, R.; VALLERAND, R.J., & BLANCHARD, C. On the assessment of state intrinsic and extrinsic motivation: The situational motivation scale (SIMS). *Motivation and Emotion*, n.24, p.175-213, 2000.

KNIJNIK, J.D.; GREGUOL, M. & SILENO, S. Motivação no esporte infanto-juvenil: uma discussão sobre razões de busca e abandono da prática esportiva entre crianças e adolescentes. Revista do Instituto de Ciências da Saúde, n.19 v.1, p.7-13, 2001.

MARTENS, M. P. & WEBBER, S. N. Psychometric Properties of the Sport Motivation Scale: An Evaluation With College Varsity Athletes From the U.S. Journal of Sport & Exercise Psychology, n. 24, p. 254-270, 2002.

MASLOW, A.. Motivation and personality. Nova York: Harper & Row, 1954.

MCAULEY, E.; DUNCAN, T., & TAMMEN, V. V. Psychometric Properties of the Intrinsic Motivation Inventory in a Competitive Sport Setting: A Confirmatory Factor Analysis. Research Quarterly for Exercise and Sport, n.60, v.1, p.48-58, 1989.

MCCLELLAND, D, C. Toward a theory of motive acquisition. American Psychology, v. 20, p.321-33. 1965.

MINICUCCI, A. Motivação. In: MINICUCCI, A. Psicologia aplicada à administração. 5º Ed. São Paulo. Atlas, 1995.

PELLETIER, L.G.; TUSON, D.M.; FORTIER, M.S.; VALLERAND, R.J.; BRIÈRE, N.M. & BLAIS, M.R. Toward a new measure of intrinsic motivation, extrinsic motivation and amotivation in sports: The sport motivation scale. Journal of Sport & Exercise Psychology, n.17, p.35-53, 1995.

ROBBINS, S.P. Motivação no trabalho e recompensas. In: ROBBINS, S.P. Administração: mudanças e perspectivas. São Paulo: Saraiva, 2002.

ROBERTS, G.C.; TREASURE, D.C. & BALAGUE, G. Achievement goals in sport: The development and validation of the Perception of Success Questionnaire. Journal of Sports Sciences, n.16, p.337-347, 1998.

RYAN, R. M & DECI, E. L. Self-Determination Theory and the Facilitation of Intrinsic Motivation, Social Development, and Well-Being. American Psychologist, n. 55, n. 1, 2000.

SAMULSKI, D. & NOCE, F. Avaliação psicossocial do atleta de handebol. In: GRECO, P. Caderno de Rendimento do Atleta de Handebol, BH, Health, 2000.

SAMULSKI, D. Psicologia do esporte: um manual para a educação física, fisioterapia e psicologia. São Paulo: Manole, 2002.

SANTOS, R. O. Aplicação da motivação para obtenção de um sistema de trabalho de alto desempenho na Volkswagen do Brasil – Unidade de Taubaté. 2003. 50 f. Monografia (Especialização em Gestão Industrial) – Departamento de Economia, Contabilidade e Administração, Universidade de Taubaté, Taubaté, 2003.

SEIFRIZ, J.J.; DUDA, J.L. & CHI, L. The Relationship of Perceived Motivational Climate to Intrinsic Motivation and Beliefs About Success in Basketball. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, n.14, p.375-391, 1992.

SHAW K., L.; OSTROW A. & BECKSTEAD, J. Motivation and the senior athlete: An examination of the psychometric properties of the sport motivation scale. *Topics in Geriatric Rehabilitation*, v. 21, n. 3, p. 206-214, 2005.

SIMÕES A.C., DE ROSE JÚNIOR, D., KNIJNIK, J.D., CORTEZ, J. A. A. A psicossociologia como área de conhecimento da ciência do esporte. *Revista Paulista de Educação Física*, v.18, p.73-81, 2004.

STANDAGE, M; TREASURE D.C; DUDA J.L & PRUSAK K.A. Validity, reliability, and invariance of the situational motivation scale (SIMS) across diverse physical activity contexts. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, n.25, p.19-43, 2003

TADIN, A. P.; RODRIGUES, J. A. E.; DALSOQUIO, P; GUABIRABA, Z. R.; MIRANDA, I. T. P. O CONCEITO DE MOTIVAÇÃO NA TEORIA DAS RELAÇÕES HUMANAS. *Revista de Ciências Empresariais*, v. 2, n.1, p. 40-47, 2005.

TREASURE, D.C. & ROBERTS, G.C. Perception of Success Questionnaire: Preliminary validation in an adolescent population. *Perceptual and Motor Skills*, n.79, p.607-610, 1994.

VEALEY, R.S. Conceptualisation of Sport-Confidence and Competitive Orientation: Preliminary Investigation and Instrument Development. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, n.8, p.221-246, 1986.

VIDAL, E.; RUIZ, G.; ORTEGA, M.; LÓPES, J. & VERA, P. Un acercamiento a la comprensión de la psicología del esporte em españa. Análisis de la revista de psicología del deporte 1992-1999. *Revista de Psicología del Deporte*, n.10, p.69-81, 2001.

WAGNER III, J,A & HOLLENBECK, J, R. Motivação e sistemas de trabalho de alto desempenho. In: WAGNER III, J,A & HOLLENBECK, J, R. *Comportamento Organizacional*. São Paulo, Saraiva, 1999.

WEINBERG, R & GOULD, D. *Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício*. 2ª. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.